

Cigarros eletrônicos e outros DEFs não podem ser considerados produtos de risco reduzido

Em ações de lobby, campanhas em mídias sociais e artigos publicados em veículos de comunicação de grande porte, empresas de tabaco e seus aliados alegam que os cigarros eletrônicos e outros Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs) seriam produtos de risco reduzido (em relação aos cigarros convencionais) para pessoas que já são fumantes e não conseguem ou não querem parar. Essa afirmação, no entanto, é falaciosa. Redução de danos é uma estratégia muito mais complexa do que a mera exclusão ou diminuição de um ou mais compostos, pois precisa levar em consideração diversos outros aspectos e jamais deve ser operada por quem lucra com a venda do produto. Seria preciso, dentre muitas outras questões, haver evidências científicas robustas que provem que esses produtos de fato representam menor risco, ter a venda estritamente controlada e não serem atrativo para pessoas que não sejam usuários de produtos de tabaco convencionais - e os DEFs, bem como as tentativas da indústria de liberar a venda para o público geral, não cumprem com nenhum desses requisitos.

É importante esclarecer que um dos poucos argumentos utilizados pela indústria para afirmar que haveria redução de danos é o fato de que algumas substâncias tóxicas dos cigarros convencionais, como o alcatrão, estão ausentes ou presentes em menor quantidade nas versões eletrônicas. Isso pode até acarretar em uma menor exposição a essas substâncias específicas, porém não é possível inferir que resulte em menor risco. Um [relatório](#) da Organização Mundial da Saúde (OMS) já mostrou que *“a redução de qualquer substância tóxica isolada na fumaça de cigarros não se traduzirá em uma real redução da exposição humana ou do risco de doenças”*. De fato, o que evidências livres de conflitos de interesse mostram é que os DEFs são muito prejudiciais para a saúde e causam dependência. O [relatório Dispositivos Eletrônicos para Fumar: danos à saúde, experiências internacionais e dados sobre o consumo de cigarros eletrônicos e produtos de tabaco aquecido](#) destaca que *“cigarros eletrônicos expõem os usuários a níveis elevados de partículas ultrafinas e outras toxinas que podem aumentar substancialmente os riscos de doenças cardiovasculares e pulmonares (...). Ademais, não há nível seguro de exposição a substâncias carcinogênicas e citotóxicas.”*

Os cigarros eletrônicos também podem causar danos severos em pouco tempo. Nos Estados Unidos, foram reportados milhares de casos de uma grave lesão pulmonar associada ao uso de cigarros eletrônicos (EVALI, do inglês *E-cigarette, or vaping, product use-associated lung injury*). A própria nicotina, que na maioria dos DEFs é encontrada em níveis similares ou superiores aos cigarros convencionais, [causa dependência e danos a diversos órgãos e sistemas do corpo](#).

Ademais, conforme mencionado anteriormente e esclarecido pela psiquiatra Carolina Costa em uma [entrevista para o Boletim da ACT](#), políticas de redução de danos não devem considerar apenas os prejuízos para o indivíduo, mas sim para a sociedade como um todo. No caso dos DEFs, diferente do que a indústria denota quando diz que eles são voltados a pessoas que já são fumantes, as estratégias de marketing e o design dos produtos são claramente voltados para um público mais jovem - e eles têm, de fato, aumentado o número de jovens fumantes. [Como exemplo](#), temos a Inglaterra, onde o número de jovens usuários de cigarros eletrônicos triplicou em três anos, e a Irlanda, onde foram coletadas evidências de que o uso de cigarros eletrônicos por adolescentes aumentou o risco deles se tornarem fumantes de cigarros convencionais. No Brasil, [a pesquisa Vigitel de 2023](#) confirma que o principal público desses produtos são os mais jovens, visto que a prevalência de uso de DEFs entre adultos com mais de 18 anos é de 2,1%, mas considerando apenas pessoas de 18 a 24 anos, ela salta para 6,1%. Uma pesquisa da própria fumageira BAT Brasil também mostrou que mais da metade dos usuários [nunca tinham fumado antes](#).

Além dos riscos à saúde, os DEFs também [causam impactos ambientais](#), especialmente devido à poluição plástica e ao descarte irregular. As baterias, os metais e as substâncias tóxicas podem contaminar os solos e mares, e o processo de fabricação de tabaco presente em alguns modelos de DEF também está associado com desmatamento, uso excessivo de água e emissão de gases estufa. Por fim, é preciso considerar também os impactos econômicos do uso dos DEFs. Doenças relacionadas ao tabagismo representam [custos médicos diretos R\\$ 67,2 bilhões por ano](#), o equivalente a 7% de todo o gasto com saúde. Considerando todos os malefícios causados pelos DEFs e o fato de que eles podem ser uma porta de entrada para os cigarros convencionais, a liberação da venda poderia onerar ainda mais o sistema de saúde.

Todos esses fatos mostram que o que a indústria do tabaco faz é se apropriar do conceito de redução de danos para promover produtos que estão viciando uma nova geração, atrapalhar políticas públicas para o controle do tabaco e tentar melhorar a sua imagem corporativa junto ao público. Mesmo que a substituição de cigarros convencionais pela versão eletrônica oferecesse menos riscos individualmente, o que não vem acontecendo, os retrocessos que os DEFs estão trazendo, até mesmo em países que permitem sua venda, mostram que esses produtos só trazem prejuízos para a população, enriquecem as empresas e aumentam os males causados pelo tabaco.